

A Tradição Ecológica nos fios da sustentabilidade turística e a aprendizagem da cultura da complexidade

Maria de Fátima Mussi Carneiro Monteiro

Resumo

O estudo se anima na urgente necessidade de que nós, espécie humana, nos comportemos de forma sustentável no planeta. Nos fios de uma teoria de aprendizagem singular; de categorias analíticas tais como: cultura, tradição, complexidade e nos contornos de um acontecimento destino turístico como simulacro de experiências de práticas sustentáveis, será tramado um conceito de tradição ecológica que possa hospedar uma Pedagogia Civilizatória Contemporânea.

Palavra-chave:

Tradição, cultura, aprendizagem, sustentabilidade, turismo.

A Tradição Ecológica nos fios da sustentabilidade turística e a aprendizagem da cultura da complexidade

Nos 32.000 anos de imaginação¹, de invenções e intervenções tecnológicas do homem no planeta, no ambiente de sua cultura, cada bando, cada comunidade, cada civilização, a partir da compreensão do mundo vivido, munido de seus utensílios e, com vistas à sobrevivência de sua espécie, criou métodos e técnicas com a tarefa de transmitir / comunicar a linguagem de cada tempo. Assim, seja através das famílias /clãs, dos xamãs, dos feiticeiros, dos filósofos, dos padres dos professores, a aprendizagem continua sendo uma exigência absoluta à perenidade da vida.

Tal como um asteroide capaz de exterminar e metamorfosear a vida, num planeta, com seu impacto, a espécie humana na evolução de seus utensílios e práticas tecnológicas se vê, ocupada, diante dessa possibilidade, também.

Na evolução imaginativa dos nossos utensílios, das nossas tecnologias, paradoxalmente, quanto mais se sofisticava a fuga de nossa condição humana² de

¹ Imaginação é tratada aqui, tal como Gilbert Duran a define em sua obra A Imaginação simbólica, ou seja: “a imaginação como função simbólica” p.75. Lisboa, Edições 70, 1995.

² Hannah Arendt. A condição humana. Rio de Janeiro, Forense Universitário, Rio de Janeiro, 1983.

natureza, tanto mais nos aproximamos da condição imaginativa da natureza humana. Não há dúvida que, científica e tecnologicamente, podemos e, de forma geral, estamos nos comportando como asteroides impactando, homeopaticamente, com a Terra. Os alquimistas podem até descobrir o elixir da imortalidade, George Wells e Einstein³, podem até ter aberto o portal para viagens no tempo na busca de outros planetas onde possamos criar nosso, eterno, mesmo mundo, mas sempre, sabemos disso: um asteróide (desorbitado) poderá exterminar e metamorfosear a vida com seu impacto. Assim, por que não imaginar, inventar e experimentar um *outro* mundo, um mundo sustentável?

A memória que guarda nossas obras – ou como quer Gaston Bachelard, que guarda aquilo que tem valor de Obra, ou seja, aquilo que materializa uma vida melhor – constitui-se na bacia semântica⁴ por onde viaja a Inteligência. A aprendizagem e a inteligência que se constrói acontecem justo nessa bacia semântica operando com as Obras que valem à pena reproduzir, criar e recriar.

Nossa inteligência (científica ou sensível) navega, então, na atualidade, na bacia semântica de três grandes tradições antropológicas que no encontro com as singulares linguagens e específicas práticas tecnológicas que as constitui, nossa inteligência imagina e inventa o que para o bem ou para o mal se desejar, se necessitar...

Nos primeiros tempos do trajeto antropológico da humanidade, da tradição do eterno retorno do mesmo, assim como, sob o traço da modernidade, na tradição da perspectiva, a vida condiciona-se ao mundo criado pelo homem. Na primeira tradição a cultura revela nos comportamentos repetitivos a grandeza cósmica de seus valores e encontra nas narrativas do mito cíclico /circular a decifração de sua cognição; na segunda tradição, a da cultura do comportamento linear a humanidade projeta, com a transmissão do mito da ciência positivista, o espírito científico de uma cognição monista. E, na terceira tradição relativista, nos acontecimentos da contemporaneidade, o homem reconhece-se num retorno que não é mais sempre o mesmo, nem tampouco apenas linear acolhendo a cognição da complexidade.

A espécie humana vive, assim, no tempo da re-com-*sideração* cósmica à sua condição / posição de *mais-um*⁵ no Universo. Friedrich Nietzsche, Ernest Einsten, Gaston

³ Herbert George Wells, biólogo de formação romancista de alama na virada do século XX (caminhar inexoravelmente em direcção de uma catástrofe,) , Ernest Einsten, físico, na virada do século XIX para o XX

⁴ Bacia semântica é um conceito utilizado por Gilbert Durand que explica ele:

⁵ Referência uma leitura de Lacan que coloca o lugar do *mais-um* como aquele *outro* que faz o grupo ou a pessoa ou o universo se movimentar.

Bachelard, Sigmund Freud, Gilbert Durand, de suas viagens no *outro*, todos eles, nos primeiros 50 anos do século XX, dos diferentes lugares que posicionaram suas experiências no espaço científico, encontraram-se com o imperativo da relativização e, definitiva e novamente, nada poderia ser mais como dantes no jeito de pensar, sentir e fazer as coisas.

Mas, nas voltas do tempo, vivemos o momento da transição, da tensão, vivemos o momento da experiência, concreta, com o paradoxo. De forma ampla, então, ao longo dos últimos 32.000 anos de vida humana no planeta, três tradições cognitivas – o da cultura oral, o da cultura letrada e o da cultura virtual – dão tecnologia ao nosso pensamento e estilo ao nosso comportamento que trabalha para satisfazer nossos desejos e para realizar nossas necessidades de *ser* melhor num mundo melhor.

Da ‘regra cultural’ reguladora interna dos comportamentos que nomeiam cada tradição cognitiva, delinea-se o ambiente simbólico vivido. E, dessa regra, a tradição oral, a tradição letrada e a tradição virtual cria, cada uma, um singular estilo de pensamento que pode ser identificado, nos termos de Geertz⁶, no *ethos* e na visão de mundo que o comportamento humano exhibe ou narra.

Cada tradição cognitiva se mostra nos efeitos do nosso *cuidado* com o mundo, cada mundo tem o tamanho / dimensão de como podemos pensá-lo e o jeito que cuidamos nosso mundo, bem como sua dimensão é resultado do que aprendemos na transmissão da cultura.

Uma tradição, materializada na vida social, só se constitui como tal através do sucesso das aprendizagens culturais em torno, quer sejam das tecnologias orais, da tecnologia letrada, quer sejam das tecnologias virtuais de pensamento. Pedagogias civilizatórias se armam para conformar, então, o estilo dos comportamentos de cada época.

Cadenciada nos ritmos das práticas sociais, a memória coletiva, social ou pessoal que integra o sujeito no tempo e no espaço, no percurso antropológico, acumula os símbolos – o mitograma, o ideograma, a escrita, a internet. Tais símbolos figuram modelos das condutas que criam a linguagem dos agrupamentos sociais.

E, nosso comportamento mostra, na relação com o *outro*, o que pensamos, mostra nossos valores, nossa ética, nossa razão, nosso jeito de sentir que, necessariamente, é atravessado, então, por uma Tburadição. No trajeto das práticas tecnológicas, com suas

⁶ Geertz

técnicas, suas ferramentas, seus materiais, seus saberes especiais encontramos um ambiente privilegiado para capturar as hipóteses cognitivas hegemônicas nas representações simbólicas de cada Tradição.

E, mais facilmente capturamos essas hipóteses cognitivas quando o tempo vivido é o da experiência de uma transição com seus rituais que conduzem a passagem para uma outra estética, uma outra ética, o tempo da transfiguração do homem com sua tradição, ou seja, como ensina Gilbert Durand⁷, o tempo em que “uma cultura deixa de pensar como fizera até então e se põe a pensar outra coisa e de outro modo”.

A virada do século XX para o XXI mostra, por exemplo, das experiências de Woodstock, Direitos Humanos, Eco 92 ao Fórum Social Mundial⁸, comportamentos, respectivamente, de paz e amor, reativizadores na sua base ética, sustentáveis nos seu paradigmas, e, de trocas simbólicas nas suas vivências, demonstram nas suas práticas de encontros estilos cognitivos que podem compor (quem sabe) uma Pedagogia Civilizatória que invente uma tradição ecológica tecida na cognição do pensamento complexo.

2. Pedagogia civilizatória e aprendizagem

Uma Pedagogia Civilizatória que nos termos de N. Elias⁹ visa “mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica”, ensina uma tradição, nas “maneiras de fazer”¹⁰, das práticas tecnológicas singulares a cada tradição cognitiva.

Uma Pedagogia Civilizatória ensina um *ethos* e uma visão de mundo, portanto, ensina o jeito, com nossas emoções e razões, de fazer as coisas e explicá-las, justificá-las. É através das aprendizagens de comportamentos, no terreno dos símbolos e das trocas sociais com seus utensílios técnicos e suas regras culturais, que novas representações simbólicas vão nutrindo a vida de uma civilização na sua exata consideração sobre o que entende por condição humana.

Como uma condição imaginativa da natureza humana da Terra, como *mais uma* espécie que pulsa no Universo, as aprendizagens em torno de uma pedagogia civilizatória

⁷ DURAND, 1979: 26

⁸ O FSM será utilizado, nesse estudo, como um evento emblemático para pensar um destino sustentável no contexto de um acontecimento turístico, sobretudo porque as aprendizagens de um “Outro Mundo” é a centralidade das trocas simbólicas dos “encontros” no Fórum.

⁹ ELIAS, 1993: 193.

¹⁰ DE CERTEAU, 1998: 53, 55.

deve materializar comportamentos sustentáveis que impliquem, na trilha de M. Foucault¹¹, em uma adoção de novos “esquemas perceptivos e compreensivos do mundo e de si”, nos termos de uma “hierarquia de suas práticas” cotidianas no corpo da vida social as quais, nos termos de Jean Piaget.¹², devem passar por um processo de “assimilação” e “acomodação”.

Todavia, o processo de “mutação intelectual” com novas representações simbólicas não é “uma forma pura e simples de substituição das idéias antigas pelas novas” como demonstra Jean Piaget em suas experiências científicas. A transfiguração ocorre sob a influência aceleradora das interações sociais e das trocas simbólicas no contexto das práticas tecnológicas de comunicação, portanto.

Regis Débray¹³, em seus estudos em torno da midioética, oferece uma boa pista para construirmos conjuntos de situações didáticas com vistas às aprendizagens da cultura da sustentabilidade necessárias à vida planeta.

Cada Era tecnológica inventa sua didática – conjunto midiático com seus utensílios e técnicas – que opera, com sucesso, nas aprendizagens civilizatórias, na medida em que suas produções simbólicas estão estruturados por um *médium* (mensagem) dominante que compõe sua transmissão a partir de vários dispositivos suplementares, identificados por Régis Débray¹⁴ ao “procedimento geral de simbolização” (a palavra, a escrita, a imagem, etc.) ao “código social de comunicação” (a língua materna, a linguagem escolar, a virtual); ao “suporte material de inscrição e estocamento” (argila, papiro, papel, banda magnética, tela); ao “dispositivo de gravação” conectado a determinada rede de difusão (a rocha, a tipografia, a foto, a televisão, a informática).

Numa bacia semântica de circulação de várias tradições tecnológicas de pensamento e cognição, delinea-se o estilo cognitivo do pensamento complexo que deve pautar o comportamento humano reanimador de nossa condição de natureza cósmica e, nesses termos, atualizando o homem da tradição que deve nos concernir na contemporaneidade.

¹¹ Cf. FOUCAULT, 1995: 11.

¹² Jogo aqui com conceitos caros à Piaget – *assimilação e acomodação* - para mostrar que a ruptura com Piaget não desconsidera sua contribuição científica, mas antes, acata suas descobertas no âmbito da cognição lógica, sem, todavia, achar que este corpo explique tudo no que diz respeito às aprendizagens lógicas.

¹³ DÉBRAY, Regis. *Manifestos midiológicos*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

¹⁴ DÉBRAY, Regis p.23

Gradativamente, seguindo os princípios da tecnologia de pensamento complexo, as aprendizagens construídas em torno da cultura sustentável devem inaugurar, valendo-me de Bateson¹⁵, a “normalização dos aspectos cognitivos” de um diferente jeito de *ser* no mundo.

E, como nos ensina Foucault¹⁶, quando uma cultura deixa de pensar como fizera até então e se põe – no contexto de suas práticas, de seus fazeres – a pensar outra coisa e de outro modo, estamos diante da invenção de uma tradição cognitiva. Assim foi com a tradição cognitiva que se constituiu na base tecnológica da oralidade, assim foi com a tradição letrada com o aporte das tecnologias da escrita, assim será com a tradição cibernética, nos tempos em que vivemos, sob a base da tecnológica virtual.

Homem e cosmovisão, homem e visão de mundo, homem e imaginação cósmica aprendendo, conforme Bateson¹⁷ na diferenciação interativa das “práticas sociais”, aprendendo em um processo de trocas simbólicas que, através da experiência da “cismogênese”¹⁸, prepara a “modelaje de los individuos” para viver seu tempo.

Midioética, sustentabilidade e aprendizagem são, respectivamente, os fios filosófico, paradigmático e teórico que irão tramar, no contexto dos constrangimentos civilizatórios do terceiro Fórum Social Mundial (FSM) como acontecimento turístico, a rede da Tradição ecológica que descansa numa cultura da complexidade que necessitamos, urgentemente, “incorporar” / aprender.

3. O acontecimento turístico e a sustentabilidade no horizonte de um evento de trocas simbólicas – III FSM¹⁹ como simulacro

De forma geral, o acontecimento turístico contemporâneo se constitui em um espaço de problema privilegiado para investigar a configuração de uma cultura sustentável que tanto o planeta necessita. E espaço privilegiado porque as experiências,

¹⁵ BATESON, 1998: 242

¹⁶ Cf. FOUCAULT, 1995: 47

¹⁷ BATESON, G. 1990:199

¹⁸ Cismogênese é um neologismo usado pelo autor que significa, literalmente, o nascimento de uma separação.

¹⁹ É sistematizado nesse estudo o III Fórum Social Mundial: janeiro de 2003, porque fui responsável pelo planejamento e coordenação desse evento na cidade porque era, nesta época Diretora de Planejamento Turístico da Prefeitura petista de Porto Alegre, assim, a apresentação a seguir é fruto de sistematização de prática e observação participante da autora.

nessa prática social, simbolizam-se a partir das trocas ambientais, culturais, políticas, econômicas, subjetivas que viajantes e hospedeiros estabelecem nas com-vivências.

Tal como evento de linguagem²⁰, o acontecimento turístico, num horizonte conformado por diferentes humanidades históricas, e, na qualidade de uma prática social de comunicação, é (ou podem ser) sempre um evento inaugural onde, do encontro com o *outro* – com o desconhecido, com o estrangeiro – se produzem, no estranhamento desse encontro, as aprendizagens em torno de uma familiaridade original com o mundo que se deseja, se produzem as aprendizagens em torno da familiaridade com o *cuidado*.

O acontecimento turístico re-figura o ambiente físico (natural ou não) em utensílio mediador da comunicação, das trocas simbólicas entre viajantes estrangeiros e comunidade hospedeira, ou seja, faz do campo, da praia, da serra, da cidade, da hospedaria, da comunidade nativa, do hospedeiro, do banco da praça, do bar, utensílios midiáticos, mediadores entre um e o *outro*; utensílios que aproximam e distanciam as pessoas em torno de sentidos, de desejos.

O evento turístico, como prática social compartilhada coletivamente, *acontece* na potência dos padrões culturais de grupos, materializando-se em maneiras de ser, de fazer, de pensar, de agir e de sentir. A prática turística acontece numa ambiência cujas regras do que é permitido ou não fazer mostra, no vai-e-vem da experiência de simpatias e de estranhamentos, os diferentes estilos culturais do encontro turístico, explicitando, no convívio, na socialidade, a heterogeneidade cultural que lhe concerne. O acontecimento turístico é a socialidade da heterogeneidade cultural; é o prazer, a alegria da convivência na diversidade ambiental.

De forma especial, é na estética (como faculdade comum de sentir e de experimentar) e no “território mental” do III Fórum Social Mundial, de janeiro de 2003 que reflito, no contexto da “política da técnica”²¹ preparada para o Evento, o delineamento dos horizontes históricos-destinais de uma nova ordem planetária sob a tensão de uma “dialética cruzada” entre cultura (conjunto ético, jurídico e estético) e estruturas técnicas de transmissão.

²⁰ Valho-me da compreensão de Vattimo quando vincula o conceito de evento ao campo da linguagem, dizendo ele que é “na linguagem que se desenrola a familiaridade original com o mundo, que constitui a não-transcendental, mas sempre historicamente finita e “situada” condição de possibilidade da experiência.” Conferir VATTIMO, Gianni. O fim da modernidade. São Paulo: Martins Fontes, 2003, página 58 e 59.

²¹ Ver DÉBRAY, 1995:145.

Todas as raças, centenas de etnias, homens e mulheres dos cinco Continentes, em Porto Alegre, re-inauguraram no Fórum Social Mundial o “evento de linguagem” que tramou e reafirmou, coletivamente, a materialização de um *Outro* mundo, de um mundo melhor de inclusão socioantropológica, econômica e ambiental. Diferentes línguas, ao longo de cinco dias, dialogavam em torno de uma fraternidade das culturas, bem como de um humanismo e de uma sustentabilidade planetária.

É nesse enquadre ético e plurisociocultural do FSM, bem como, no espaço preparado para as experiências das práticas turísticas dos milhares de participantes desse evento de linguagem planetário que lançarei fios que possam, quem sabe, tramar uma tradição ecológica.

Do Procedimento geral de simbolização

Nos cinco dias do acontecimento do III FSM, *nativos* e *estrangeiros* do planeta criavam *pontes* que davam acesso ao *Outro* Mundo através das práticas turísticas que, cuidadosamente, foram, pelos organizadores do evento, do poder público municipal, preparadas para as experiências desse Evento de Linguagem que procura os fios de uma cultura sustentável.

Cúmplices dessa procura, ao longo de nove meses do ano de 2001, diferentes profissionais do setor públicos de Porto Alegre, sob os ensinamentos de Regis Debray em torno da sua política da técnica e sob a coordenação de direções do turismo do município, foi planejado, organizado e executado, com ciência, técnica e emoções o acolhimento dos turistas participantes do III FSM.

Nas entradas terrestres da cidade e nas vias de circulação dos estrangeiros, outdoors e sinalizações, em várias línguas, respectivamente, desejavam as boas-vindas e ensinavam, os forasteiros, a circularem nos diferentes espaços de socialidades do FSM – centros de convenções, comércio de forma geral, espaços de lazer, territórios históricos – que haviam sido preparados, com o que de melhor cada nativo dos espaços tinha para recebê-los.

No aeroporto, na rodoviária e nos quiosques de acolhimento ao turista espalhados pela cidade, trabalhadores da prefeitura, bem como voluntários políglotas, preparados na tensão da hospitalidade incondicional, dialogavam com os estrangeiros através de seus

guias turísticos, mapas e programação da cidade e do FSM, conduzindo, assim, os turistas na travessia ao território, inicialmente, exótico do III FSM.

Através da palavra, da escrita, da imagem, cada um dos milhares forasteiros, encontrou o seu lugar de enraizamento, que poderia ter o estilo de cada participante: hospedarias convencionais, hospedagem solidária (quando nativos cuidam, em suas casas, os estrangeiros), hospedagem alternativa (quando instituições públicas ou não oferecia seus espaços para acolher comunidades culturais), acampamento da juventude que criavam e recriavam, mais de 20 mil jovens, simulacros de uma sociedade complexa (cidade) sustentável nos 65 hectares de área verde do Parque da Harmonia localizado na zona central da capital, cuja área ficava, surpreendentemente, bem menos verde quando seus habitantes abandonavam a cidade, corroborando com a hipótese de que a tradição ecológica tem que ser atenciosamente tramada: sem pré-conceitos, com o acolhimento da diversidade das hipóteses cognitivas em torno do *Outro* Mundo, com a construção de uma pedagogia civilizatória, que na sua didática acolha, carinhosamente, as diferentes hipóteses cognitivas de transição e que ao descobrir o que há de cada tradição no pensamento pincele àquelas importantes para nossas aprendizagens em torno de uma tradição ecológica.

Do Código social de comunicação

O trabalho social dos sinais estrategicamente planejado para o acontecimento de trocas sociais na cidade do III FSM possibilitou que, numa experiência de fronteiras, cada hóspede encontrasse o equilíbrio simbólico através da comunicação tecnicamente instalada pelos procedimentos gerais de simbolização na cidade que em 2003, com o Fórum, autodenominava-se Cidade do Conhecimento.

Para fundar e reinstalar, coletivamente, o ritual que dá “passagem” a “um *outro* mundo”, a uma outra linguagem, no contexto de uma bacia semântica que configura o encontro de todos os FSM, os estrangeiros de diferentes comunidades e linguagens culturais e étnica dispersas do planeta, quando juntas em Porto Alegre, dialogavam a partir dos suportes técnicos de transmissão e recepção de informações e imagens instalados, pelos planejadores e nativos, nos territórios de socialidade para esse fim.

Submetendo a experiência de trocas simbólicas entre diversas tradições culturais que, volta-e-meia se cruzam numa bacia semântica, ao plano da hermenêutica que Hans-

Georg Gadamer nos ensina, esse diálogo acontece numa fusão de horizonte a partir dos utensílios e suportes técnicos que pensamentos estrangeiros têm à disposição.

Do Suporte material de inscrição e estocamento

Os recursos materiais de todas as tradições de pensamento da espécie humana estiveram presentes nas práticas tecnológicas utilizadas para tramarem o *outro* mundo – um mosaico, numa técnica de bricolagem com pedras talhadas por cada cultura deixou inscrito na obra o mundo desejado; murais em Porto Alegre foram grafitados; telões espalhavam-se por várias salas dos centros de convenções para que a escuta e a fala sobre esse mundo estivesse a disposição de quem comprometido estivesse com o tema em debate; papéis circulavam com ideais; sonhos, mensagens; bandas magnéticas (analógicas ou digitais) compunham as tecnologias dos registros que dos acontecimentos tudo guardou.

Do Dispositivo de gravação

Dos registros guardados pelos suportes, nos cinco cantos do planeta a tv, os jornais e as revistas, a *internet*, enfim a mídia, atualiza, ao longo dos anos, os acontecimentos do Fórum Social Mundial que, a cada mês de janeiro, *representa simbolicamente*, no território dos seus acontecimentos, as bases da sustentabilidade socioantropológica, ambiental, econômica e política do planeta.

A sua repetição, redundância do mito diria Durand, delineia uma "comunidade de destino" e, a partir do que tem valor de Obra, podemos encontrar, no tempo do acontecimento dos FSM, a idéia de profecia que está presente nos gestos, com suas marcas, desse evento de linguagem.

Um estudo do trabalho dessas marcas, através dos gestos e dos comportamentos sociais dos participantes do FSM, com certeza, revelaria nas formas simbólicas, forças materiais configuradoras de um especial "território mental" que, sob bases de um pensamento sustentável com cognições da complexidade, poderia ramificar a rede da eficácia simbólica de uma tradição ecológica.

Uma pedagogia civilizatória no caminho de uma ecologia das culturas

Cada época teve e tem a sua pedagogia. A pedagogia da modernidade fez sua aposta numa razão onde o espírito capitalista e sua ética protestante instauraram, pela via de uma racionalidade abstrata do pensamento, uma forma singular de ordenar o mundo deixando ver, pela organização e regras de suas instituições sociais de transmissão da linguagem, as formas de constrangimentos necessários às aprendizagens de sua singular tradição.

Vivemos o tempo da transição. Na ordem dos acontecimentos, por exemplo, do FSM, dá para refletir sobre algumas hipóteses cognitivas que a partir de diferentes comportamentos ficaram registradas nas diferentes redes de difusão – hipóteses socioantropológicas tais como: em alguns momentos e algumas situações, deixamos de fazer as coisas como fazíamos antes e passamos a fazer e “a pensar outra coisa e de outro modo”²², em outros momentos e algumas situações, deixamos de fazer as coisas como fazíamos antes, mas ainda não conseguimos compreender / saber o que fazemos; em outros momentos e algumas situações, o mundo dos nossos comportamentos, repetem as mesmas coisas e os mesmos pensamentos; e, ainda, em outros momentos e algumas situações simplesmente, não estão nem aí para o tempo vivido.

E, o contexto situacional do FSM, no horizonte de uma imaginação cósmica, as reflexões e as alternativas disseminadas desse evento no mundo exigem a introdução, na agenda global, de práticas políticas sustentáveis que assegurem a cada *ser* do planeta, os direitos humanos universais, o equilíbrio sócio-econômico, as relações pacíficas entre os povos, bem como a preservação e o controle do meio ambiente, ma essas práticas sociais exigem uma pedagogia civilizatória que através da identificação e consideração das diversas hipóteses cognitivas que navegam na bacia semântica, crie, cientificamente, uma didática que, no conjunto das políticas das técnicas com suas práticas, acolha cada hipótese cognitiva e as conduza, carinhosamente, a representações simbólicas de uma tradição ecológica.

E, reconhecendo, como Débray²³ que “a técnica é tanto nosso destino, quanto nossa sorte” e que e a invenção de uma tradição e a conformação de uma cultura acontece na “interação incessantemente negociada entre nossos valores e nossos utensílios”, nossa pedagogia civilizatória deve, entre diferenças superficiais, extrair, então, os elementos

²² Cf. FOUCAULT, 1995: 47

²³ P.151

invariáveis das diferentes hipóteses e descobrir o complexo de códigos que deve configurar a linguagem de uma cultura cuja tradição do pensamento ecológico ou complexo se assente no universo sideral.

Descobrir através do estudo das interações entre cultura e técnicas da informação, as razões “civilizatórias” que acompanham um “Evento de Linguagem”; o que ele produz efetivamente; como esteticamente (no sentido do *viver-junto-com*) ele inaugura, em “encontros” planetário anuais, um “território mental” que singulariza uma determinada coletividade; descobrir enfim “qual é o mito em especial que equilibra e exalta” essa comunidade, as bases da “imaginação simbólico” que ata as diferentes tradições culturais, esse é um trabalho que deve ser realizado em ato, o que me coube nesse estudo foi refletir sobre a concretude dessa possibilidade e os caminhos de transformar uma tradição inventada em aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. SP, Ed. Ática, 1988.
- BATESON, G. *Naven – estudio de los problemas sugeridos por una visión compuesta de la cultura de una tribo de Nueva Guinea obtenida desde tres puntos de vista*. Ediciones Júcar, Madri, 1990.
- DE CERTEAU, Michel *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1998.
- DELEUZE, G. *Bergsonismo*. São Paulo, Ed. 34, 1999.
- CLIFFORD, James Y MARCUS, George E. (Eds). *Retóricas de la Antropología*. Madrid, Serie Antropología, Jucar Universidad, 1991 (1ª edição: University of California Press, 1986).
- DÉBRAY, R. *Manifestos Midiológicos*. Petrópolis, Vozes, 1995.
- DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário. Introdução à arquetipologia geral*. São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- _____. *Science de l’homme et tradition, le nouvel esprit anthropologique*. Paris: Berg
- ELIAS, N. *O processo Civilizador, vol 2: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
- FOUCAULT, Michel *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. SP: Martins Fontes, 1995.
- GEERTZ, Clifford *A interpretação das culturas*. RJ: Zahar Editores, 1978,
- Gadamer**
- LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. SP, Ed. Nacional, 1976.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Madri, Alianza Editorial, 1990
- PIAGET, J. *Estudos Sociológicos*. Rio de Janeiro, Ed. Forense, 1973.

VATTIMO, G. *O fim da modernidade – niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

WEBER – *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo, Pioneira, 1967.